

fetichismo, na obra madura de Marx, trata não somente da reificação mistificadora das relações sociais, mas também da personificação real das coisas, e o tratamento aberto desta questão enriqueceria ainda mais a nar-

rativa expositiva do professor Coutinho, condensada que é em um livro conciso, claro e valioso — que, enquanto mercadoria de imenso valor de uso e baixo preço, deve ser comprada e lida sem demora.

Celso Frederico

Lukács - Um clássico do século XX.

São Paulo, Moderna, 1997. Coleção Logos.

Tânia Pellegrini (Departamento de Letras, UF de São Carlos, SP).

A crítica estética, nas suas várias vertentes, é um tema complexo e instigante, nunca suficientemente explorado pelo marxismo. Dentro deste, trata-se de um terreno um tanto acidentado, na medida em que a arte e a literatura guardam um grau de autonomia que muitas vezes não corresponde exatamente às injunções estruturais, passando a funcionar então, para o estudioso, como uma espécie de território desconhecido a desbravar, cheio de armadilhas, frestas e fissuras, em suma, de “inadequações”.

No entanto, é por esse terreno que o livro de Celso Frederico, *Lukács — Um clássico do século XX*, envereda, debruçando-se não só, mas principalmente, sobre a parte da obra do filósofo em que o problema da *forma literária* foi explorado à exaustão. Trabalho duplamente desafiador, na medida em que tenta traduzir a complexidade do tema para uma linguagem acessível aos não iniciados, pois o livro, sendo um paradidático, faz parte de uma coleção voltada sobretudo para um público de não especialistas.

Assim, seria fácil discorrer sobre vida e obra do teórico húngaro, deter-se um pouco mais nos fatores histórico-políticos, explicar um ou outro conceito mais

importante. Mas Frederico não faz esse caminho; prefere acompanhar o itinerário lukacsiano, buscando a “rara coerência entre as idéias e a vida do autor”, que não é aparente, pois Lukács procura, de uma certa forma, “reinventar o marxismo”, encontrando sua essência justamente na produção estética e literária, que não são os campos de eleição para o marxismo.

Sem desconsiderar, porém, uma necessária abordagem cronológica referente à vida e à produção de Lukács, Frederico acompanha sucessivamente sua fase pré-marxista, já marcada por um descontentamento angustiante com relação ao mundo burguês e a “árida realidade empírica”, alienada e alienante; enfoca, em seguida, a importantíssima obra *História e consciência de classe* (1923), surgida numa conjuntura marcada pelo impacto da Revolução Russa e pela esperança de que o processo se disseminasse por toda a Europa. Segundo Frederico, embora muito criticado no interior do Partido Comunista (a que se filiara o autor em 1918), devido à clara influência hegeliana de seu pensamento, trata-se do “livro de filosofia marxista mais importante do século”, a fonte na

qual beberam diversas correntes filosóficas, a partir dos anos 30, como, por exemplo, a Escola de Frankfurt e o existencialismo francês.

Todavia, como o principal foco de interesse de Frederico, no seu livro, é a crítica estética e literária lukacsiana, ele assinala que, em *História e consciência de classe*, existem considerações frágeis e equivocadas sobre autores e obras, e merecedora de crítica “é a perspectiva lukacsiana de então, que impedia uma compreensão do fenômeno artístico e um julgamento equilibrado sobre autores e obras” (p. 17)

Sem esquecer de mencionar a obra de juventude do pensador húngaro, dedicada a questões literárias, *Teoria do romance* (1920), Frederico se detém, a partir desse ponto, na constante preocupação do filósofo com a *forma* artística e literária.

Parece esmerar-se, então, na tarefa de explicar, com clareza, objetividade e concisão, os mais complexos conceitos lukacsianos e é aí que reside o grande mérito do seu livro. “Realismo”, “tipicidade”, “totalidade”, conceitos recorrentes nas obras *O romance histórico* (1937), *Narrar ou descrever* (1936), *Balzac e o realismo francês* (1952) e outras, tornam-se transparentes para o leitor interessado (e convém apontar que não é aqui o lugar adequado para rediscuti-los), sem, no entanto, resvalar para a simplificação.

Assinalando a sempre presente influência hegeliana no pensamento de Lukács, Frederico enfatiza, por exemplo, que, para o autor, os personagens *típicos*, na literatura, além de concentrarem em si as tendências mais verdadeiras de sua espécie, são “indivíduos bem definidos e demarcados em suas personalidades individuais inconfundíveis” (p. 51).

Ou seja, um personagem típico é uma espécie de encarnação de forças históricas, sem deixar, por isso, de ser ricamente individualizado. Assim, Frederico consegue mostrar que, para Lukács, os maiores artistas são aqueles capazes de resgatar e recriar, em suas obras, a totalidade da vida humana; que isso não depende de sua mestria pessoal, mas de sua posição na história, que a riqueza e a profundidade de enredos e personagens criados (parafraseando o próprio Lukács) repousam na riqueza e profundidade da totalidade do processo social. E que, enfim, numa sociedade degradada como a capitalista, em que o social e o individual estão inelutavelmente dissociados, cabe ao artista uni-los de novo numa totalidade outra, através do *realismo*.

“Realismo, aqui (explica Frederico), não se confunde com uma escola literária, mas significa, antes, uma tomada de posição perante a realidade. (...) O realismo é um *método*, o caminho para se chegar à verdade e, também, o critério para julgar a produção artística” (p. 34). O escritor realista vai além dos fenômenos acidentais da vida social, com o objetivo de revelar a essência de uma situação concreta. Dessa forma, como não podia deixar de ser, segundo sua própria lógica, Lukács foi impiedoso com relação ao expressionismo e ao naturalismo, o primeiro por não especificar a natureza social da guerra e da violência, contra as quais se volta, detendo-se apenas na sua aparência abstrata; o segundo por ser uma manifestação acabada do materialismo vulgar. Nesse ponto, Frederico destaca a polêmica entre Lukács e Brecht, para quem o realismo clássico já esgotara todas as suas possibilidades, sendo urgente inventar uma nova forma de expressão que não repetisse as desgastadas soluções burguesas.

Continuando por esse caminho, Frederico mostra que o conceito mais presente em toda a crítica literária lukacsiana, desde a década de 30, é mesmo o realismo, base de toda a argumentação do famoso ensaio *Narrar ou descrever?* (1936), que reaparece, mais tarde, nas obras *Estética*, de 1963, e *Realismo crítico hoje*, de 1957. Nesse ponto, destacando o “diálogo impossível” entre o pensador húngaro e Walter Benjamin, um dos principais representantes da Escola de Frankfurt, esmiuçando os conceitos de *símbolo*, preferido por Lukács, e *alegoria*, defendido por Benjamin, para explicar a produção artística do começo do século XX, mais uma vez Frederico consegue ser claro e didático, sem cair na simplificação; são extremamente esclarecedoras — e convém destacar que não apenas para o leitor iniciante no universo lukacsiano — as páginas do capítulo dedicado a esse assunto.

Seria de esperar, num texto como esse, dedicado a um pensador de renome, que seu autor deixasse transparecer algum tipo de envolvimento maior, positivo ou

negativo, ao longo do texto. Isso, todavia, não acontece. Frederico procura, durante todo o tempo, manter a neutralidade científica esperada para a tarefa. E consegue. Coloca-se de fora, lê, analisa, interroga, questiona, interpreta, aventa uma ou outra opinião. É apenas na conclusão que deixa transparecer a sua grande admiração pelo crítico, quando a ele dedica alguns parcimoniosos mas significativos adjetivos. Essa contenção, paradoxalmente, consegue agigantar ainda mais a importância do pensamento de Lukács. E não por acaso, Frederico escolheu dele a frase: “A política é apenas um meio; o fim é a cultura”, para resumir a longa e coerente trajetória do pensador. Frase que pode ser aplicada ao esforço bem sucedido de Frederico, o de tentar desvelar para iniciantes o universo de um pensador clássico do marxismo, num momento, como o nosso, tão avesso a qualquer empreendimento desse tipo. Só que o livro de Frederico conseguiu inverter os termos da proposição lukacsiana: intervindo na cultura, ele cumpriu uma tarefa política.

Jacob Gorender

Combate nas trevas. 5ª edição revista, ampliada e atualizada.
São Paulo, Ática, 1998.

Marcelo Ridenti, professor do Depto de Sociologia, Unicamp.

Jacob Gorender acaba de publicar a 5ª edição revista, ampliada e atualizada de seu livro *Combate nas trevas*. Dez anos após o lançamento, o livro continua sendo a principal referência historiográfica sobre a atuação da esquerda brasileira nos anos 60 e 70.

Na presente edição, Gorender incorpora novas pesquisas e informações so-

bre o tema. Elas permitem esclarecer um ou outro detalhe de uma história que, no essencial, já fora contada com maestria e competência na primeira edição da obra.

Combate nas trevas é o primeiro livro de indicação obrigatória — dentre os inúmeros já escritos por ex-militantes, jornalistas, historiadores e cientistas sociais — para os leitores que desejam co-

PELLEGRINI, Tânia. Resenha de: FREDERICO, Celso. Lukács: um clássico do século XX. São Paulo: Moderna, 1997, Coleção Logos. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.6, 1998, p.158-160.

Palavras-chave: Lukács; Crítica estética; Crítica literária; Realismo.